

A IGREJA É A NOSSA CASA

Introdução

O Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, de comum acordo com a Secretaria Geral do Sínodo, convidou, em maio passado, cerca de 30 pessoas com deficiência dos cinco continentes para participarem ativamente do caminho sinodal, trazendo a sua contribuição por meio de um diálogo aberto com a Santa Sé. Depois de uma reunião *online*, que de fato e simbolicamente iniciou o caminho, cada participante foi convidado a enviar o seu próprio texto escrito, a partir de algumas questões propostas, com o objetivo, por um lado, de dar a conhecer algumas experiências capazes de fazer aparecerem as necessidades, bem como os caminhos que se tem percorrido em algumas partes do mundo; e por outro lado, acolher o que o Espírito deseja dizer à Igreja. Isso resultou no texto que apresentamos.

Esta iniciativa nasceu no sulco da reflexão que o Dicastério iniciou há cerca de dois anos sobre a inclusão das pessoas com deficiência e a sua plena participação na vida da Igreja. Para uma instituição chamada a cuidar dos fiéis leigos, este não é simplesmente um novo campo de ação pastoral, mas é uma afirmação decisiva de que a vocação batismal é verdadeiramente para todos, sem exclusões.

Nesta perspectiva, porém, é necessário distanciar-se de algumas ideias que, de forma mais ou menos explícita, marcaram a abordagem eclesial deste tema. Tradicionalmente, alternaram-se e misturaram-se duas leituras da condição de deficiência que aparentemente estariam em conflito: a primeira é a dos que via nela o resultado de uma culpa; a segunda é a dos que pensavam que os deficientes eram de alguma forma purificados do sofrimento que, logo, de certa forma, mais próximos do Senhor. Ler a condição de deficiência como castigo ou como benção corresponde a imaginar que as pessoas que a vivenciam são pecadores irredimíveis ou seres angélicos: perspectivas opostas, mas que têm em comum a negação da individualidade dos sujeitos em questão. Em outras palavras, em ambos os casos, quer fossem já salvos, quer não tivessem possibilidade de salvação, o seu comportamento, as suas escolhas e a sua vida espiritual não tinha relevância nenhuma.

Por isso, enquanto as pessoas com deficiência continuavam a ser apenas "objeto" da dedicação de outros, o interesse pastoral concentrava-se sobretudo nas famílias ou instituições assistenciais que cuidavam delas.

Além disso, a resistência – que persiste – em administrar o sacramento da Reconciliação aos que vivem em condição de deficiência mostra como a compreensão da questão continua intimamente ligada à ideia de pecado. Se o limite é fruto e sinal de uma culpa, o fato de não desaparecer com a confissão continuará a mostrar a culpa daquele que o vive (ou, no máximo, dos seus pais). Se, por outro lado, o sofrimento é considerado sinal de uma experiência pura e preservada do pecado, de que adianta pedir perdão? Nos dois casos, a subjetividade é removida, e as interações com o mundo e com Deus tornam-se absolutamente irrelevantes.

É necessária, portanto, uma verdadeira mudança de paradigma. Pode-se partir da afirmação do Concílio segundo a qual "pela sua encarnação, Ele, o Filho de Deus, uniu-se de certo modo a *cada*

homem" (GS 22). Embora não tenha sido pensado em relação às pessoas com deficiência, abre um vasto campo de reflexão e destaca que o Senhor assumiu *tudo*, realmente *tudo* o que pertence à humanidade concreta e histórica, em *todas* as suas possíveis declinações, de *cada* homem e *cada* mulher, incluindo a deficiência.

São reflexões que merecem uma discussão bem mais ampla e que aqui só se pode mencionar, mas que servem para afirmar que as pessoas com deficiência compartilham – como aqueles que (ainda) não vivenciam claramente essa condição – a mesma natureza, a mesma dignidade e – acima de tudo – têm sua própria individualidade.

Nesta perspectiva, é claro que as palavras da Lumen Gentium que afirma que todos os fiéis pertencem ao Povo de Deus e "que, incorporados em Cristo pelo Batismo [...] e tornados participantes, a seu modo, da função sacerdotal, profética e real de Cristo, exercem, pela parte que lhes toca, a missão de todo o Povo cristão na Igreja se no mundo. [...] São chamados por Deus para que, aí, [...] concorram para a santificação do mundo [...] e deste modo manifestem Cristo aos outros, antes de mais pelo testemunho da própria vida, pela irradiação da sua fé, esperança e caridade" (LG 31) deve encontrar também a sua aplicação na pastoral das pessoas com deficiência.

Se a pessoa tem um valor único e insubstituível como filho amado do Pai, não podemos pensar que o Pai se esqueça de alguém ou o deixe de lado, nem que o prive dos dons particulares que Ele concede para que, em virtude do Batismo, cada um possa anunciar o Reino de Deus.

A partir dessas reflexões, deve-se propor uma mudança de mentalidade, que em alguns lugares do mundo já começou, ou pelo menos já tem algumas bases para se fazer compreender e acolher, ao passo que em outros lugares é uma montanha ainda por escalar. Será necessário superar quaisquer abordagens assistencialistas inaugurando, assim, uma nova abordagem, que respeite a individualidade e o protagonismo das pessoas com deficiência.

O primeiro passo nessa direção é ouvir as pessoas com deficiência, e o caminho sinodal mostrou ser um verdadeiro *kairós*, pois ofereceu uma oportunidade concreta para colocar as suas palavras no centro e reconhecer o quanto eles têm a dizer à Igreja. É também uma forma de afirmar – como fez o Papa na mensagem dirigida às pessoas com deficiência – que "o Evangelho é para todos"¹.

Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida

¹Mensagem do Papa Francisco para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, 20 de novembro de 2021.

Documento resumo da Consulta Sinodal Extraordinária das pessoas com deficiência

1. *Nós existimos*

As pessoas com deficiência são um dos grupos mais vulneráveis no mundo de hoje. Em novembro de 2017, a Organização Mundial da Saúde divulgou alguns dados que consideramos essenciais para compreendermos nossa realidade e avançarmos rumo à nossa plena inclusão: no mundo, mais de 1 bilhão de pessoas vivem em condição de deficiência física, orgânica, sensorial, cognitiva (intelectual, ou mentais. Somos cerca de 15% da população mundial.

As pessoas com deficiência são mais vulneráveis à pobreza: vivemos em piores condições – alimentação insuficiente, moradia inadequada, falta de acesso à água potável – do que as outras pessoas. A atual crise de saúde e social provocada pela pandemia mostrou que as pessoas com deficiência têm carregado um peso maior. Sobre isso, o Papa escreveu: "estamos todos no mesmo barco, no meio dum mar agitado que nos pode atemorizar; mas, neste barco, há alguns, como as pessoas com deficiências graves, que têm de lutar mais."²

Por isso, acolhemos com gratidão este convite corajoso e esperançoso para falar e dar a nossa opinião neste processo sinodal, seguindo a proposta do Papa Francisco que pediu para termos "a coragem de dar voz àqueles que são discriminados por causa de sua condição de deficiência, porque infelizmente, em certas nações, ainda hoje é difícil reconhecê-los como pessoas de igual dignidade"³

2.

3. *O "magistério da fragilidade".*

A presença ativa de pessoas com deficiência pode ajudar a Igreja a superar a mentalidade de eficiência e de marginalização presente na sociedade atual. É o que o Papa Francisco definiu recentemente como um verdadeiro "magistério da fragilidade"⁴. Ver a fragilidade do irmão leva-nos a refletir sobre a nossa própria fragilidade e sobre o fato de todos – uns mais, outros menos – precisarmos da ajuda dos outros. O contato com a fragilidade fortalece a fé de cada um, porque é justamente na fraqueza que Deus mostra o seu amor e a sua misericórdia. A nossa presença pode ajudar a transformar as realidades em que vivemos, tornando-as mais humanas e acolhedoras. Sem vulnerabilidades, sem limites, sem obstáculos a serem superados, não haveria verdadeira humanidade.

²Mensagem do Papa Francisco para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, 3 de dezembro de 2020.

³ Fratelli Tutti, 98

⁴Papa Francisco, Audiência geral. Catequese sobre a velhice 12. "Não me abandones quando meu vigor se extingue!" (SAL 71,9), 1 de junho de 2022.

Em particular, desde que a pandemia da Covid-19 afetou de forma desproporcional as pessoas com deficiência, a Igreja tem muito a aprender com a ajuda mútua que as comunidades de pessoas com deficiência têm oferecido umas às outras.

A inclusão daqueles entre nós que possuem uma deficiência cognitiva merece um estudo particular. A sua participação na vida da comunidade eclesial pode revelar-se particularmente valiosa: em particular, recordamos que as dificuldades cognitivas não tornam uma pessoa incapaz de compreender o mistério da fé nem de estar próximos da Igreja, pelo contrário, a vivência da fé "coração a coração" com Jesus, numa relação íntima que se deixar encontrar pelo amigo Jesus⁵, constitui um testemunho concreto e forte de amor a Cristo, do qual a Igreja precisa muito. Assim se expressa a fé através da experiência alegre e confiante do amor preferencial de Deus pelos simples, na consciência de serem filhos amados.

Esse modo de viver a fé pode ajudar a superar a ideia de que é a nossa capacidade intelectual que gera a amizade com Jesus, ignorando que todos os homens e mulheres são capazes de Deus, é capaz de conhecê-lo, amá-lo e dar testemunho dele. Dar-lhes espaço pode ajudar-nos a construir uma Igreja menos rígida e mais viva. Valorizar o que é simples pode, paradoxalmente, tornar-nos mais profundos e menos superficiais. Esta é uma forma concreta de anunciar e testemunhar um Evangelho encarnado na humanidade de cada pessoa, como filha amada do Pai.

Também queremos frisar que não somos mais frágeis apenas porque vivemos com uma condição de deficiência, mas porque a sociedade (e a Igreja) ainda não encontraram uma forma de responder à nossa necessidade de assistência.

4. Participação na vida da Igreja

Nós, que participamos da Consulta Sinodal Extraordinária, temos uma experiência privilegiada. Somos todos representantes de realidades que, de diversas formas, possuem uma característica peculiar na inclusão de pessoas com deficiência; alguns dentre nós somos sacerdotes, outros diáconos permanentes, consagrados ou ministros extraordinários da Eucaristia; outros somos responsáveis por associações internacionais, ou delas fazemos parte há muito tempo. O nosso testemunho é o de pessoas que já participam da vida da Igreja e que, em todos os níveis, fazem parte das comunidades e demonstram que a inclusão é um caminho viável e, até certo ponto, já implantado.

Em várias dioceses, em diversos países do mundo, pessoas com deficiência foram envolvidas e inseridas no processo sinodal em nível diocesano, o que gerou novas expectativas e dinâmicas. Além disso, o fato de terem sido convidadas pela Santa Sé a participar desta consulta sinodal especial é uma novidade extremamente significativa.

Com efeito, algo importante está em mudança na Igreja e na sociedade. Começamos a sentir que não somos mais aqueles "exilados ocultos que são tratados como corpos estranhos da sociedade"⁶, nem somos seres que "vivem sem pertença nem participação", mas que

⁶ Fratelli Tutti, 98

experimentam não só receberem cuidados, mas terem uma "uma participação ativa na comunidade civil e eclesial".

Com efeito, há algumas décadas, a nossa participação na vida e na missão da Igreja tornou-se mais real e efetiva em muitas partes do mundo. Depois de muitos esforços, e como resultado de uma nova consciência eclesial, eliminaram-se muitas barreiras arquitetônicas nas igrejas e edifícios eclesiásticos, inseriram-se ferramentas para facilitar a comunicação de pessoas com deficiência auditiva e visual e superaram-se formas de tratamento discriminatórias e paternalistas.

A participação na vida da sua própria comunidade eclesial permanece condicionada pela presença de barreiras materiais e imateriais. Por isso, é necessário que as comunidades eclesiais se esforcem para providenciem *instalações razoáveis* que possibilitem a participação-de pessoas com deficiência. É necessário um caminho progressivo para preparar para todas as realidades da comunidade paroquial ao acolhimento.

5. A urgência de uma mudança de mentalidade: "nós", não "eles".

É fundamental que tudo o que diz respeito à inclusão não esteja mais ligado apenas à sensibilidade particular de algumas pessoas, mas seja fruto de uma mudança de mentalidade, cultura, olhar, para que cada um seja visto na sua dignidade de pessoa e de filho amado por Deus Pai.

Reconhecer que todos fazemos parte da mesma humanidade vulnerável e frágil que Cristo assumiu e santificou elimina qualquer distinção arbitrária entre "nós" e "eles" e abre as portas para uma plena participação de cada batizado na vida da Igreja. Cada batizado é um "templo do Espírito Santo", portanto, torna-se capaz de alcançar a plenitude, segundo os dons da graça que Deus concede. Certamente são dons diferentes, mas a graça é dada a cada um em plenitude.

Nessa perspectiva – a da consciência de que a graça habita a todos em igual medida – é necessário superar qualquer atitude paternalista em relação a quem vive em condição de deficiência e superar a ideia de que nós somente devemos ser ajudados. Infelizmente, é uma atitude ainda muito difundida, que se baseia na compaixão, na pena, e que continua a considerar-nos "objetos" de atenção eclesial, e não "sujeitos". É por isso que é urgentemente necessária uma mudança de mentalidade para ajudar a realizar o potencial de cada indivíduo.

Com efeito, numa comunidade inclusiva, cada qual segue o seu próprio caminho de conversão. Reconhecendo as nossas próprias limitações e fragilidades, somos levados a caminhar ao lado com os outros sem nos sentirmos superiores, inferiores ou diferentes, mas irmãos e companheiros de viagem. As pessoas com deficiência são fiéis chamados à conversão como qualquer outra pessoa e não os "já santos" nem os "sofredores", ou "Cristos na cruz" por causa da sua condição de deficiência. Nós também somos chamados a participar da vida da Igreja. Isto requer também um trabalho de evangelização, pois o anúncio da salvação do Evangelho de Jesus ainda chegou a todos.

6. Os obstáculos.

Das contribuições recolhidas, no entanto, depreende-se que não são poucos os obstáculos à plena inclusão. Muitas pessoas com deficiência participam na vida da Igreja de maneiras muito mais limitadas: algumas são completamente excluídas, enquanto outras se limitam à participação que

uma vida institucionalizada pode permitir. Muitos são os adultos que não receberam os sacramentos da iniciação cristã ou que não recebem nenhuma atenção pastoral.

Um dos problemas mais frequentemente levantados é o da acessibilidade. Trata-se da presença de barreiras físicas na entrada nas igrejas, da falta de materiais traduzidos em Braille, ou da ausência de intérpretes de língua de sinais. A falta de sacerdotes capazes de aceitar a confissão nas línguas de sinais significa que a grande maioria dos surdos está excluída do sacramento da Reconciliação. A questão da acessibilidade também se põe em relação às pessoas com deficiência cognitiva, para as quais não há indicações ou material em AAC (comunicação alternativa e aumentativa), *easy reading* ou outras ferramentas que visem estimular a participação ativa e comunicativa.

Continuar a distinguir entre "nós" e "eles", negar a dignidade batismal comum, negar que partilhemos todos da mesma natureza humana gera essa persistência na discriminação. Com efeito, a cultura do descarte assume, no que diz respeito às pessoas com deficiência, os contornos da *discriminação*. Esta nasce – como explicou o Papa – da afirmação "tu não és como eu"⁷ e infelizmente permanece presente também na vida da Igreja.

A partir das contribuições recolhidas, verifica-se, em particular, que muitas vezes as pessoas com deficiência não são ouvidas ou, pelo menos, a sua contribuição nunca é realmente levada a sério. Esta é a experiência de alguns processos sinodais nacionais nos quais houve participação em nível local, mas onde as contribuições específicas trazidas não chegaram ao relatório final. Por esta razão, e para evitar que o Sínodo seja mais uma oportunidade perdida, esta consulta é de particular importância.

Tal incapacidade de ouvir os pedidos e desejos das pessoas com deficiência significa que muitos de nós sejam obrigados a viver, contra a nossa vontade ou sem que ninguém tenha pedido a nossa opinião sobre o assunto, dentro de instituições. São lugares, muitas vezes administrados por entidades ligadas à Igreja, nos quais a vontade da pessoa raramente é levada em consideração e onde muitas vezes a expressão da liberdade do indivíduo ficam em falta. Não se tem a possibilidade de escolher onde e com quem morar, se e quando sair, ter a sua privacidade respeitada, em muitos casos nem mesmo participar dos serviços religiosos.

Embora o Magistério recente seja muito claro com relação a isto, e, recentemente, o Papa tenha dito que "*ninguém pode recusar os Sacramentos às pessoas com deficiência*"⁸ continuam a acontecer casos em que eles são negados. As motivações vão das ideias a priori sobre a capacidade de compreender a natureza do sacramento, passando pela futilidade de oferecer a Reconciliação a quem já *expia* o pecado pelo seu próprio sofrimento, ou à falta de compreensão de uma abordagem pastoral que utiliza "todos os sentidos" para facilitar a comunicação.

Há culturas que tacham a deficiência como uma falha; marginalizam e discriminam severamente as pessoas e famílias que os vivenciam. Em algumas áreas do mundo, ademais, a deficiência é considerada fruto de maldições ou da feitiçaria, com evidentes danos graves para as famílias que são obrigadas a abandonar as suas casas e terras devido ao estigma social que sofrem. Além disso, mesmo a cultura ocidental "marginaliza e discrimina seriamente" ao impedir de

⁷Encontro do Santo Padre Francisco com os participantes da conferência para as pessoas com deficiência, promovida pela Conferência Episcopal Italiana, sábado, 11 de junho de 2016.

⁸Mensagem do Papa Francisco para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, 20 de novembro de 2021.

nascem crianças com deficiência. O aborto "eugênico", ou seja, perpetrado para impedir o nascimento de um filho ou filha com suspeita de deficiência, está entre as principais motivações para a prática do aborto. Infelizmente, esta mentalidade difundiu-se até mesmo entre muitos católicos.

A partir das contribuições recolhidas, depreende-se também que infelizmente um comportamento abusivo de natureza física e psicológica que ocorre em contextos diferentes, mas que é mais frequente dentro de estruturas totalizantes. São particularmente dolorosos os casos de abuso de pessoas vulneráveis por parte de religiosos ou dentro de estruturas pertencentes à Igreja.

As formas de discriminação enumeradas – falta de escuta, violação do direito de escolher onde e com quem viver, recusa dos sacramentos, acusações de bruxaria, abusos – e outras, descrevem a cultura do descarte para com as pessoas com deficiência. Elas não nascem por acaso, mas provêm todas de uma mesma raiz: a ideia de que a vida das pessoas com deficiência vale menos do que as outras.

7. O que pede o Espírito à Igreja?

Para erradicar a discriminação e iniciar um caminho de inclusão, é necessária uma mudança de paradigma que comece de um aprofundamento teológico capaz de explicar de forma clara e forte a dignidade da pessoa com deficiência como igual a qualquer outro ser humano, promovendo a sua plena participação na vida da Igreja. Aos poucos, vão surgindo, nesse sentido, teólogos com deficiência que, com grande sensibilidade, têm aprofundado essas temáticas. Precisamos ouvir o que eles têm a dizer. Isso poderá levar a uma conversão que pode e deve estender-se a todos os aspectos da vida da Igreja. É um caminho que em algumas partes do mundo a Igreja vem tomando, mas que noutros lugares ainda encontra muitos obstáculos, particularmente onde o entrave é a própria cultura.

Essa renovação tem de ganhar visibilidade, e as pessoas com deficiência, conforme a sua competência e experiência, precisam participar do governo e da missão da Igreja em todos os níveis (dicastérios, dioceses, paróquias e comunidades). Pedimos expressamente que, para evitar qualquer abordagem paternalista ou equívoca, as pessoas com deficiência sejam incluídas nos diversos organismos dedicados às pessoas com deficiência. Aquilo que nos diz respeito não deveria ser decidido e discutido sem a nossa participação.

Seria particularmente significativo se uma ou mais pessoas com deficiência pudessem ser convidadas para o próximo Sínodo sobre a sinodalidade como observadores.

Por um lado, então, é preciso saber reconhecer os dons de cada pessoa, encontrando caminhos e meios para que cada um possa expressá-los; por outro lado, cada pessoa com deficiência deve poder fazer o seu próprio caminho pessoal para não se fechar em si mesma, para poder olhar para os dons que recebeu do Senhor e alegrar-se com a diversidade dos dons de outros.

8. A alegria de poder doar-se aos outros.

As pessoas com deficiência não são simplesmente pessoas necessitadas, mas, como todos, somos chamados a doar-nos aos outros; não podemos limitar-nos a lutar por justiça e inclusão para nós próprios, mas devemos ser capazes de olhar e ir além, a fim de viverem a nossa vida plenamente.

Alguns têm o desejo de se doar aos outros, outros ainda são chamados a entender que podem doar o seu tempo e as suas habilidades. Ajudar os outros e dar glória a Deus com a sua vida é a melhor e mais concreta maneira de superar as nossas dificuldades pessoais, o que nos torna livres e capazes de amar. As pessoas com deficiência podem assim testemunhar que, como qualquer outra pessoa na comunidade, somos recursos valiosos, não exceções ou pessoas "especiais", mas protagonistas ativos, cheios de entusiasmo e alegria para proclamar o Evangelho.

9. A alegria do Evangelho

O relato sobre a vida das pessoas com deficiência foi, e ainda é, demasiadas vezes associada à ideia de sofrimento. Muitas vezes, somos considerados como uma cruz para as famílias em que vivemos; alguns se perguntam qual é o sentido de dar à luz uma vida que será marcada pela dor, outros chegam mesmo a indicar no sofrimento uma missão particular à qual somos chamados nos que vivemos em tal condição. Deficiência e sofrimento parecem estar ligados como um par inseparável.

No entanto, a partir da experiência de todos nós, que participamos desta consulta sinodal, constata-se fortemente que o sofrimento não é uma condenação, e que a nossa experiência eclesial é muitas vezes marcada pela alegria. É um testemunho unânime de todos aqueles que se percorrem um percurso ao lado de pessoas com deficiência, em particular das que têm deficiência cognitiva. Isso confirma o quanto é verdade, para cada um e sem diferenças, que "a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus" e que aqueles que "se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo, renasce sem cessar a alegria" (EG 1).

De acordo com a experiência das pessoas de fé com deficiência, a vida não é simplesmente perda ou sofrimento, posto que da deficiência pode brotar uma vida nova, um novo horizonte de sentido, que torna-se uma luz que ilumina o caminho. Como afirma o Papa Francisco, "contam-nos os Evangelhos que, quando algumas pessoas com deficiência encontraram Jesus, a sua vida mudou profundamente e começaram a ser testemunhas d'Ele"⁹.

Seguem as assinaturas dos participantes da consulta

André Haurine	França	Pastorale des personnes handicapées Conférence des Évêques de France
Annunziata Coppedè	Itália	Federazione Italiana Superamento Handicap
Antonietta Pantone	Itália	Foi et Lumiere International
Bernadette Cabaging	Filipinas	Archdiocese of Manila Ministry on Persons with Disabilities
Claire-Marie Rougier	França	Pastorale des personnes handicapées Conférence des Évêques de France
Cristina Kozielska	Polônia	

⁹ Mensagem do Papa Francisco para o Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, 20 de novembro de 2021.

Elena Andrés Fuero	Espanha	Área de Pastoral y catequesis para personas con discapacidad Conferencia Episcopal Española
Elio Angione	Itália	Associazione Comunità Papa Giovanni XXIII
Enrique Alarcón García	Espanha	Fraternidad Cristiana Intercontinental de Personas con Discapacidad (FRATER)
Giulia Cirillo	Itália	Comunità di Sant'Egidio
Inés del Carmen Bustos Hermosilla	Chile	Sub Comisión de Catequesis con Personas en situación de Discapacidad (PsD) Conferencia Episcopal de Chile (C.E.C.H.)
João da Costa Antunes Junio	Brasil	Pastoral da Pessoa com Deficiência Arquidiocese de São Sebastião do Rio de Janeiro
João Pereira	Portugal	European Platform of Self-Advocates
Justin Glyn	Austrália	Província Australiana da Companhia de Jesus
Luz Elena Beacamonte Zamora	México	Deaf Catholic Youth Initiative for the Americas
Matthew Hurst	Reino Unido	The Kairos Forum
Matthew Nyumah	Libéria	African Disability Foundation
Maximilien Mornet	França	Un sens a ma vue
Michelangelo Patanè	Itália	Movimento Apostolico Ciechi
Miguel Costa Duarte	Portugal	Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência Conferência Episcopal Portuguesa
Monika Fuhrberg	Áustria	Menschen mit Behinderungen Katholischen Kirche Kärnten
Nadine Widmer	Argentina	Area Catequesis Especial, Junta Nacional de Catequesis Conferencia Episcopal Argentina (C.E.A.)
Nolan Smith	Estados Unidos	National Catholic Partnership on Disability
Olena Kuts	Ucrânia	ONG Emmaus
Patrice de Seauve	França	Office Chrétien des personnes Handicapées
Peter Arndt	Austrália	Disability Projects Office Australian Catholic Bishops' Conference (A.C.B.C.)
Peter Hepp	Alemanha	Referat Inklusive Pastoral Deutsche Bischofskonferenz

Rita Minischetti	Itália	Servizio Nazionale per la pastorale delle persone con disabilità Conferenza Episcopale Italiana
Roberto Addazzi	Itália	Comunità di Capodarco
Stefano Toschi	Itália	Associazione "Beati noi"
Valentina Bonafede	Itália	Associazione la Nostra Famiglia
Véronique Champenois	França	Petites Sœurs Disciples de l'Agneau
Željka Šemper	Croácia	Subcommitte for Persons with Disabilities Episcopal Conference of Croatia